



António Reis*

Sottomayor Cardia e a Seara Nova

Entre meados da década de sessenta e o 25 de Abril, Mário Sottomayor Cardia (1941-2006) desempenhou um papel de primeiro plano na Seara Nova, entendida como grupo de intervenção política da oposição de esquerda, dotado de uma revista mensal e de uma editora de livros como instrumentos principais de actuação.

Cardia distinguiu-se na crise académica de 1962 como um dos principais dirigentes estudantis, a par de Jorge Sampaio, Eurico de Figueiredo e José Medeiros Ferreira. Já então revelara os dotes de lutador e pensador que o acompanhariam na sua actividade política: persistência militante, combatividade indómita, raciocínio implacável e escrita clara e mordaz. A sua entrada na Seara ocorreu num período de intensa renovação da revista, iniciado em 1959 ainda sob a égide de Câmara Reis, que morreria em 1961. O terramoto "Delgado" e as suas réplicas colocaram o salazarismo na defensiva, ao mesmo tempo que deram novo fôlego à oposição democrática. Um novo grupo de redactores e colaboradores, em que avultavam os nomes de Manuel Sertório, Rui Cabeçadas, Nikias Skapinakis, Mário Ruivo, Veiga Pereira, Rogério Fernandes, Ulpiano Nascimento, Augusto Abelaira e Lopes Cardoso, representando diferentes sensibilidades de esquerda, propunha-se então "desenvolver um amplo inquérito aos problemas actuais da gente portuguesa e proceder ao estudo e à articulação das soluções democráticas e socialistas ajustadas àqueles problemas".

Dos 3 708 exemplares de tiragem média em 1959, a revista atingiria, 10 anos depois, os 16 000. O salto mais brusco deu-se entre 1963, com 4 945 exemplares, e 1966, com 12 210. Curiosamente, os anos da chamada "paz podre" salazarista, com a oposição em claro refluxo. Como se a feitura e leitura da revista fossem a compensação possível para a relativa paralisia da luta política.



Com o advento do marcelismo criaram-se novas condições para um redespertar da luta contra a ditadura. Será, precisamente, na sequência das eleições de 69 que a revista e a editora a ela associada conhecerão um segundo salto quantitativo e qualitativo. Abelaira substituiu nesse ano Rogério Fernandes na direcção, mas foi Cardia quem tomou então as rédeas efectivas da revista, orientando a renovação dos seus conteúdos, acompanhada, aliás, pelo aumento do número de páginas e por um renovado aspecto gráfico, a partir do primeiro número de 1970. Precisamente quando, pela sua mão, entro para a redacção da Seara, ficando o elenco dos redactores completado com o Fernando Correia, então jornalista do Diário Popular e de todos nós o único com o "know-how" da técnica da paginação e outros conhecimentos jornalísticos.

Em 1972, a Seara atingia os 26 500 exemplares de tiragem média e, em vésperas do 25 de Abril, rondava mesmo os 30 000, com cerca de 18 000 assinantes. Segundo um inquérito feito nesse ano de 1972, 70% dos leitores situavam-se nas camadas etárias mais jovens, até aos 34 anos, o que comprovava a influência dos movimentos estudantis na última década. Dos assinantes, 37% eram da Grande Lisboa e 7,4% do Grande Porto. O índice de penetração era calculado em 1,2%, o que colocava então a Seara Nova, apesar de periodicidade apenas mensal, num honroso 11º lugar entre as publicações não diárias. Num país onde os partidos políticos estavam proibidos e o movimento oposicionista sujeito a apertada vigilância e repressão das suas actividades, assinar a Seara, ou mesmo simplesmente comprá-la numa livraria ou tabacaria, era o equivalente simbólico de uma formal adesão à oposição democrática.

A influência doutrinária do marxismo era claramente dominante, sem, porém, dar origem a uma ortodoxia dogmática, antes proporcionando, por vezes, animados debates teóricos como o





↳ Sottomayor Cardia com Borges Coelho na Jornada Seareira em torno de Ulpiano Nascimento, em 2005

que opôs Cardia a M. J. A. Teixeira (pseudónimo de Pedro Ramos de Almeida, então na clandestinidade), a propósito do ensaio sobre o pensamento de Lenine do comunista italiano Luciano Gruppi.

Mas a pena de Cardia percorria as mais diversas secções da revista, e não apenas a mais ideológica sob o título, creio que da sua autoria, de "Movimento das Ideias". A sua veia cáustica manifestava-se sobretudo na "Actualidade Nacional", apesar de muito cerceada pela censura. Muitas montagens dos célebres "Factos e Documentos", com a inerente tentativa de ridicularizar os próceres do regime pela mera citação dos seus discursos, foram obviamente obra dele. Diariamente, Cardia multiplicava-se em telefonemas para assegurar as colaborações indispensáveis à feitura de cada número, o que estava longe de ser fácil. E era exímio no "jogo do gato e do rato" com a censura...

Não mais esquecerei o seu permanente magistério político nessas longas tardes de 1970 a 1974. A propósito de um artigo ou de um livro, de um discurso de Caetano ou de um acontecimento político, Cardia dava-me uma aula, que infelizmente não podia ser transcrita para as páginas da revista. E nas reuniões semanais com conselho redactorial e o Director, primeiro Abelaira e depois Rodrigues Lapa, naturalmente pontificava, às vezes para irritação de alguns de nós que não suportavam a sua proverbial teimosia...

Paralelamente, a editora, até então muito dependente da afamada colecção escolar dos "Textos Literários", de receita e lucro certos, aventurava-se também ela por novos caminhos, diversificando as suas colecções, subindo as tiragens e aumentando as vendas. Coube-me, por indicação sua, a a supervisão da escolha dos títulos a editar, mas

beneficiei sempre do seu conselho e sugestões, enquanto o António Melo se encarregava da parte técnico-administrativa. Lembro, em particular, a colecção "Que País", consagrada ao estudo e análise dos principais problemas políticos, sociais e económicos da actualidade nacional. E o próprio Cardia nela publicou o seu célebre ensaio "Por uma Democracia Anticapitalista", que teorizava o modelo teórico subjacente ao futuro programa do Partido Socialista em 1973. Livro este que acabou por ser apreendido pela PIDE em 1973, poucos dias antes de o então capitão Matos Gomes e futuro escritor Carlos do Vale Ferraz ter ido buscar à Seara 50 exemplares para distribuir entre os seus camaradas de armas na Guiné... Êxitos editoriais foram também os dois volumes da Antologia da Seara Nova (1921-1926) publicados nas comemorações do cinquentenário da revista em 1971, que Cardia organizou e prefaciou com enorme competência. Sei que deixou praticamente pronto e inédito o volume seguinte sobre o período de 1926-1939.

Entre 1968 e 1973, a actividade editorial cresceu exponencialmente de 8 títulos em 1968 para 35 em 1973, muitos deles distribuídos através do circuito de assinantes, não sem que, por vezes, alguns viessem a ser apreendidos nos próprios correios.

Um dia terá de se fazer a história da Seara também neste período riquíssimo. Uma Seara dentro da qual foi possível aliar o combate à ditadura à assunção das diferenças internas no seio da oposição de esquerda. Uma Seara que mostrou a muitos portugueses e, desde logo, aos oficiais das Forças Armadas, que a alternativa existia e urgia. Cardia, não receio dizê-lo, foi a grande alma dessa Seara, tal como Raúl Proença o fora da primeira Seara dos anos vinte. ■

*Historiador

